

**Epistemologia, Crônicas e Natureza:
uma reflexão sobre a chamada Polêmica do Novo Mundo**

Flávia Preto de Godoy Oliveira*

Resumo: Publicada na Itália em 1955, a obra *La disputa Del Nuovo Mondo: Storia di una polemica* de Antonello Gerbi tornou-se uma referência para os pesquisadores que se dedicam ao estudo das formas de apreensão da natureza americana. Inúmeros trabalhos ainda hoje se reportam à obra do historiador italiano. Pretende-se, nesta comunicação, apresentar algumas das ideias presentes na obra de Gerbi e de outros historiadores que deram continuidade às suas pesquisas. Contudo, em segundo momento, serão discutidas as críticas feitas a essa obra, especialmente aquelas elaboradas pelo historiador equatoriano Jorge Cañizares Esguerra.

Tendo em vista esse panorama historiográfico, analisaremos também a importância do enfoque epistemológico para a compreensão da representação do mundo natural americano durante o século XVIII, bem como para entendimento das leituras feitas pelos setecentistas das crônicas sobre a natureza do Novo Mundo elaboradas ao longo do século XVI, sendo tais processos indissociáveis. As transformações nas formas conceber e valorar o mundo natural americano ao longo dos setecentos implicaram na alteração da credibilidade das crônicas produzidas dois séculos antes por religiosos, funcionários da Coroa espanhola, viajantes, conquistadores etc sobre os aspectos físicos da América.

1. Introdução

Esse trabalho apresenta parte das discussões desenvolvidas em minha dissertação de mestrado, na qual procurei analisar as transformações nas leituras setecentistas e do início do século seguinte das crônicas sobre o Novo Mundo produzidas, sobretudo, no século XVI. Entre os autores estudados estavam Cornelius de Pauw e Humboldt. Diferentemente de outros estudos, busquei conectar tais alterações nas leituras e na fiabilidade das crônicas às mudanças na representação da natureza americana, uma vez que ambos os processos estavam imbricados a novos patamares epistêmicos.

* Doutoranda em História Social pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Durante a análise dos documentos e da bibliografia sobre o assunto, deparei-me com artigos e obras publicadas que faziam referência ao debate conhecido como Polêmica do Novo Mundo, sendo o maior expoente nesses estudos o italiano Antonello Gerbi, cuja obra sofreu pouquíssimas críticas desde seu lançamento, sendo a mais importante delas elaborada por Jorge Cañizares Esguerra. Tentarei, inicialmente, apresentar as principais ideias de ambos os autores a respeito do assunto, bem como sintetizar algumas das críticas traçadas pelo historiador equatoriano, sem, no entanto, esmiuçar o debate historiográfico.

Esse painel inicial de considerações a respeito da temática servirá para alicerçar algumas de minhas considerações. De forma a sintetizar a apresentação e tornar acessível aos possíveis ouvintes e leitores minhas análises, foi escolhido um documento – parte do verbete *Amérique* do *Supplément à l'Encyclopédie*, escrito por Cornelius de Pauw. Ele servirá de fio condutor para algumas de nossas considerações sobre epistemologia, crônicas e natureza.

2. Gerbi, Cañizares Esguerra e a Polêmica

Com mais de cinquenta anos desde sua primeira edição em italiano, *La disputa del Nuovo Mondo: Storia di una polemica* é considerada um clássico dentro da historiografia sobre a América, traduzida para inúmeros idiomas, inclusive para o português – cujo título da obra é *O Novo Mundo: História de uma Polêmica 1750-1900* (GERBI, 1996).

Conhecido por grande parte dos historiadores, esse trabalho traça um panorama da polêmica iniciada em meados do século XVIII, na qual era atribuído à América o estado de imaturidade e inferioridade em relação à Europa. Autores como Conde de Buffon (Georges-Louis Leclerc), de Pauw, Abade Raynal e Hegel representariam um grupo de pensadores que defendeu a debilidade da natureza americana, evidenciada através de seus pequenos animais, especialmente os mamíferos, de sua umidade, da existência de uma grande quantidade de répteis, anfíbios e insetos (seres tidos como pestilentos e danosos), entre outros aspectos. Contudo, tais caracteres detratores não estariam restritos à natureza, definiriam os habitantes daquelas terras, vistos como débeis, impúberes, preguiçosos, em suma, degenerados. Com uma vasta erudição, Gerbi

foi capaz de reconstruir não apenas os argumentos daqueles que depreciaram o Novo Mundo, mas também apresentou as defesas elaboradas por autores *criollos* como Clavijero e o Padre Molina, bem como em escritos de pensadores e cientistas, como Humboldt e Benjamin Franklin. Tais defensores apontavam a benignidade do clima americano, a exuberância de sua natureza, a fartura e a grandeza e a ferocidade de seus animais etc. Recusavam também a imputação de covardia, preguiça, impubescência, fraqueza e inferioridade dos indígenas americanos. Obviamente, que algumas das especificidades de cada um dos pensadores (de ambos os grupos) abordados pelo historiador foram levantadas, mesmo que de forma sumária. Embora tente apontar os antagonismos dentro dessa polêmica, Gerbi, ao estudar alguns intelectuais envolvidos, tem consciência do posicionamento ambíguo de determinados indivíduos, os quais poderiam, por exemplo, aceitar as teses de imaturidade do continente americano, mas percebiam as limitações nessa forma de pensar.

O quadro formado por Gerbi em relação à disputa do Novo Mundo nem de longe forma um todo homogêneo separado em apenas duas partes antagônicas. Há nuances que são levadas em consideração pelo historiador italiano. Contudo, sua obra caracteriza-se por uma ênfase ao aspecto descritivo e pelo olhar mais amplo em torno das temáticas abordadas dado o seu recorte temporal e de documentação.

Seguindo o percurso de Gerbi, historiadores europeus e americanos, sobretudo, analisaram detidamente alguns dos autores apontados pelo pesquisador italiano, ou ainda incluíram outros escritos à chamada Polêmica do Novo Mundo. Entre eles, Marisa González Montero de Espinosa, que ao estudar a reflexão antropológica durante a Ilustração, particularmente em relação ao homem americano, reproduz muitos dos apontamentos de Gerbi, retomando as controvérsias e autores já mencionados em *La Disputa*, porém concentrando-se nos principais intelectuais ilustrados como Voltaire. Suas conclusões acerca dessa temática se pautam no eurocentrismo dos letrados do velho continente – ao tentarem impor um modelo exógeno na análise dos nativos americanos – aliado ao desconhecimento da realidade americana (GONZÁLEZ MONTERO DE ESPINOSA, 1992: 18-33). Outros historiadores avançaram no estudo de alguns pontos específicos dessa polêmica. É o caso de Carlos Quesada (1981) que analisa em seu artigo o debate entre o Padre Feijóo e de Pauw. Ou ainda, deram continuidade à temática iniciada por Gerbi, porém enfocando regiões que não foram o

centro da atenção do italiano. André Saint-Lu elabora uma crítica nesse sentido, sem, no entanto, atacar os fundamentos de *La Disputa*: “a obra de Gerbi permanece fundamental, mas esse livro pioneiro... abre muitas pistas sem... as explorar à fundo. Em relação à Guatemala, Gerbi se atem a um só autor, José Cecilio del Valle, ao qual consagra algumas páginas.” (SAINT-LU, 1981: 99).

Entre os pesquisadores brasileiros, há um diálogo significativo com a obra de Antonello Gerbi. Vera Chacham (2003) retoma a polêmica e consequentemente recupera parte das ideias do investigador italiano ao analisar alguns debates historiográficos dos setecentos e o lugar da América e de seus habitantes no cenário intelectual. Tendo como objeto de estudo os jesuítas expulsos da América no século XVIII, a professor Beatriz Helena Domingues tem reflexões muito próximas aquelas desenvolvidas por Gerbi. Segundo a autora, sua obra de certa forma complementa e desafia o historiador italiano, pois ao estudar os jesuítas associados às missões no sul do Brasil e aqueles que habitavam região amazônica, ela romperia com um silêncio presente na obra de Antonello Gerbi sobre o alcance dos debates em torno da debilidade ou não da América em regiões de domínio português (DOMINGUES, 2007: 22). Suas pesquisas não estão restritas à questão da Polêmica do Novo Mundo, sendo um dos cerne de suas discussões o conceito de “Ilustração Católica”. No entanto, há um envolvimento considerável com a obra de Gerbi, uma vez Domingues também tem estudos dedicados a jesuítas de outras regiões da América que não o Brasil. Nesses trabalhos é possível visualizar um diálogo mais constante com esse autor (DOMINGUES, 2006).

De forma geral, como é perceptível nos parágrafos acima, as críticas à obra de Antonello Gerbi referem-se, sobretudo, às ausências dado o caráter amplo e generalista de *La Disputa*. Assim, podemos considerar que ao longo dos últimos cinquenta anos essa pesquisa tem sido recuperada em diferentes contextos e recortes, de forma geral aceita sem contestações ao cerne de suas argumentações. A exceção a esse painel é o historiador equatoriano Jorge Cañizares Esguerra.

Em *Cómo Escribir la Historia del Nuevo Mundo* (2007), Cañizares Esguerra conecta os autores ligados à Polêmica do Novo Mundo a debates epistemológicos do período. Para ele, Gerbi não teria enfatizado um aspecto fundamental do debate: a definição das fontes e da autoridade para se escrever a história da América; as questões

epistemológicas que alicerçavam tal disputa foram obliteradas pelo autor italiano. Muitas vezes, atendo-se aos aspectos descritivos da disputa e apresentando os antagonismos entre os autores, não havia uma preocupação por parte de Gerbi em analisar os pressupostos que alicerçavam os saberes e argumentos investigados e as conexões entre as transformações epistemológicas do conhecimento ocidental e as alterações dos discursos envolvidos na polêmica no transcorrer do tempo. Jorge Cañizares Esguerra não limitou suas análises aos conteúdos das obras de Buffon, de Pauw, Raynal e outros, investigou também os pressupostos epistemológicos que fundamentavam as ideias desses autores, notando novos critérios de avaliação das fontes diferentes daqueles que haviam pautado a escrita das crônicas quinhentistas; esses novos critérios privilegiavam a crítica interna para definir a fiabilidade dos documentos. Além disso, para o historiador equatoriano, embora não tenha sido a intenção original de Gerbi, sua obra acaba por reproduzir as visões negativas de suas fontes sobre o continente americano devido às ênfases e aos recortes feitos. De maneira comprometida, Cañizares Esguerra defende uma historiografia que ofereça alternativas às imagens de violência, exploração e instabilidade que reiteradamente estão presentes nos trabalhos e imaginários sobre a América.

3. Conexões espaciais e temporais: América e Europa, Quinhentos e Setecentos

Apesar das diferenças apontadas acima, tanto Gerbi quanto Cañizares Esguerra pontuaram a conexão entre os escritos quinhentistas (incluindo também algumas obras do início do século XVII) e a ruptura marcada pelas ideias dos letrados do século XVIII. Ainda no Prólogo de *La Disputa*, Gerbi compara as visões entre os primeiros descritores europeus da natureza americana e os contemporâneos de Buffon, apontando que os cronistas do século XVI embora registrassem aspectos débeis e deficiências específicas das Américas, não teriam chegado a “*concatenar suas observações em uma teoria geral da inferioridade da natureza americana... e menos ainda teorizaram a respeito de uma suposta ‘imaturidade’ ou ‘degeneração’*” (GERBI, 1996: 15). Acredito que as ligações entre os escritos ultrapassam essa comparação, tendo implicações mais profundas. O simples fato de que os autores setecentistas leram e utilizaram as informações contidas

nas crônicas para compor suas obras já pode ser considerado um indício da complexidade de tais relações. Contudo, esse processo não pode ser encarado como uma apropriação acrítica, os letrados iluministas também avaliaram as fontes do século XVI em relação a sua credibilidade e coerência, tendo implicações em suas considerações acerca da natureza.

Além disso, não podemos esquecer que o século XVIII apresentou um renovado interesse entre os europeus pelo continente americano, particularmente entre os ilustrados franceses (CLÉMENT, 1982). Expedições, relatos de viagens e publicações sobre variados temas revelam a importância do Novo Mundo. No entanto, essa atenção também pode ser percebida com relação ao século XVI; alguns intelectuais europeus viam nesse século o início da modernidade, sendo os setecentos uma continuidade desse período (LAUDIN, 2003: 29-31). Entre os autores do período, não são poucos os que consideram os eventos ligados à expansão marítima e o contato com o Novo Mundo no início do período moderno como marcos dentro da história mundial, de Pauw é um deles. Embora não possamos atribuir uma consciência plena desses autores em relação ao que acontecia naquele momento, talvez, e de maneira acertada, possamos considerar que ao se voltarem para a América, e mais precisamente para os acontecimentos do século XVI, estivessem eles buscando explicações sobre processos mais amplos que ainda vivenciavam e que lentamente se alteravam, entre eles, a questão do colonialismo e o contato com outros povos que ainda eram elementos . As problemáticas definidas nestes trabalhos sobre a América e o século XVI indicam mais do que a imagem deste território para os europeus, desvelam também a auto-representação que faziam de seu próprio continente. Esse interesse no Novo Mundo estava conectado à possibilidade de justificar as ações que estavam sendo empreendidas em outras partes do globo, bem como estabelecer o lugar da Europa, pontuando sua superioridade frente ao resto do mundo.

Assim, ao conectar as crônicas do século XVI aos autores da chamada Polêmica do Novo Mundo, mostra-se o entrelaçamento de um complexo tecido que não estava restrito apenas às detrações ou exaltações da América.

4. *Supplément*, Crônicas e Epistemologia.

“Quando se deseja ter uma ideia do estado que se encontrava o Novo Mundo no momento da descoberta, é necessário estudar as relações [de viagens] e empregar sem cessar uma crítica judiciosa e severa para afastar as falsidades e os prodígios, os quais são abundantes nelas; os compiladores, que não possuem nenhuma espécie de espírito esclarecido, deixam tudo o que encontram nos relatos de viajantes e estes são, enfim, romances (novelas) repulsivos que se multiplicam demasiadamente hoje em dia, porque é mais fácil escrever sem refletir, do que escrever refletindo.” (DE PAUW, 1776/1777:353)

O excerto acima faz parte do verbete *Amérique* (América) do *Supplément à l'Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* organizado por Jean-Baptiste René Robinet e publicado entre 1776 e 1777. Curiosamente, a autoria deste trecho, bem como de parte considerável do verbete sobre a América do suplemento, é do prussiano Cornelius de Pauw, autor cujas obras versavam sobre a história, a cultura e a sociedade de diferentes povos e conhecido por suas imputações de inferioridade ao continente americano. Pode-se afirmar que as escolhas daqueles que contribuiriam para o suplemento da Enciclopédia não eram casuais; em geral autoridades sobre o assunto, como cientistas, estudiosos, filósofos, eram convocadas a dedicar-se a empreitada. Sem dúvida, de Pauw consagrou parte de sua vida intelectual à reflexão sobre a América, mas, tendo em vista as informações apresentadas sobre o autor, quais foram os condicionantes – que podem ser visualizados de antemão – que regeram o retrato do continente americano elaborado no suplemento oficial à *Encyclopédie*? Embora de forma atenuada, como apontou Gerbi, o verbete reproduz muitas das detrações conferidas ao continente americano, como a preguiça e a debilidade dos indígenas e a imaturidade da natureza.

O trecho acima revela ainda mais, permite que o leitor atual entreveja o posicionamento de de Pauw em relação aos escritos sobre o Novo Mundo feitos por viajantes, cronistas, missionários e demais indivíduos que se dedicaram a escrever sobre a chamada época do descobrimento e conquista. É perceptível que o estudioso prussiano foi hostil frente à credibilidade das fontes sobre os eventos e caracteres do continente americano, considerando-as repletas de fatos falsos e contraditórios às leis da natureza (extraordinários), sendo imprescindível uma crítica minuciosa durante a leitura. Em mais de um trecho do verbete é possível encontrar esta postura: “As antigas relações

falam, muito frequentemente da extrema velhice que chegam todos os americanos, mas nós sabemos hoje que é um equívoco presente nesses relatos de exagerações grosseiras”. Ou ainda, concordando com contemporâneos, afirmava: “Buffon já tinha observado que alguns escritores espanhóis deviam ter se permitido inserir muitos exageros no que eles relatavam sobre o número de homens que nós encontraremos, segundo eles, no Peru.” (DE PAUW, 1776/1777: 346-350)

Segundo o escritor prussiano, não apenas os dados que elas continham eram desacreditados, mas as próprias descrições tidas por absurdas e exageradas. Compostas por espanhóis ou americanos, tais narrativas apresentavam problemas estruturais, relacionados inclusive a sua autoria. Mesmo sendo europeus, os espanhóis não eram eximidos de culpa; eram negligentes, indolentes e gananciosos. Não tinham a curiosidade necessária para o estudo daquela região. Já os americanos, degenerados, possuíam todos os defeitos das crianças, não tinham sequer elevação de espírito necessária para se suprir a necessidade de notícias sobre o Novo Mundo (DE PAUW, 1768/1769: 13-14). No entanto, seria somente o fato de terem sido escritas por espanhóis e *criollos* que desqualificariam as crônicas e relatos sobre o Novo Mundo? Não. Como veremos adiante, a autoria ocupava um espaço secundário na avaliação da documentação. A emergência de novos critérios de verdade invalidou estas narrativas (mesmo que parcialmente), sendo rejeitadas por alguns estudiosos sobre a América. O adjetivo exagerado empregado por de Pauw relaciona-se muito mais a uma forma discursiva que à apreciação do cronista.

Longe de ser exceção, a postura de de Pauw com relação aos escritos dos séculos XVI e XVII sobre o Novo Mundo era compartilhada por muitos historiadores da época que descartavam ou criticavam as obras quinhentistas sobre a América. Para comprovar esta asserção, basta ler alguns trechos do prefácio da *Historia Del Nuevo Mundo* do espanhol Juan Bautista Muñoz. Publicada poucos anos após o *Supplément*, em 1793, esta obra teceu severas críticas a cronistas como Anglería, Oviedo e Gómara, julgando-os como narradores de fábulas e descuidados com relação aos fatos descritos. Pedro Mártir de Anglería, por exemplo, era considerado negligente e capaz de errar datas e confundir acontecimentos. Embora tivesse todos os pré-requisitos necessários para compor uma história rigorosa – acesso aos documentos e a importantes pessoas relacionadas aos descobrimentos, às conquistas e ao governo da América – Anglería não

o fez, sendo suas décadas “*um indigesto agregado, sem ordem, sem exatidão*” (MUÑOZ, 1793: XII). A avaliação feita sobre Francisco López de Gómara também não difere. O historiador valenciano condenou Gómara por ter ordenado “*sem discernimento o que encontrou escrito por seus antecessores e dar créditos a mentiras senão falsas como inverossímeis*” (MUÑOZ, 1793: XVIII).

Autores como Adam Smith e o geógrafo Samuel Engels também atribuíam aos relatos escritos por espanhóis no século XVI a presença de dados imprecisos e inverossímeis (CAÑIZARES ESGUERRA, 2007: 36).

Acompanhando as ideias de Jorge Cañizares Esguerra, acredito que as opiniões e as atitudes de autores como Muñoz, Smith e de Pauw evidenciam uma transformação durante o século XVIII na forma de leitura dos documentos produzidos nos momentos da chegada e da conquista de novos territórios no continente americano, além de mostrarem o emergir de novos métodos de crítica e conseqüentemente de uma nova sensibilidade historiográfica. Os testemunhos de cronistas que até aquele momento tinham permanecido quase incólumes a questionamentos no que concerne a sua credibilidade¹ tornaram-se fontes controvertidas e duvidosas. Segundo Cañizares Esguerra, a confiabilidade nos documentos estava alicerçada em novos pressupostos epistemológicos, os quais eram muito diversos daqueles em que se pautavam os escritos do século XVI, daí a explicação da reticência dos intelectuais do século XVIII em obter informações nestes documentos (CAÑIZARES ESGUERRA, 2007: 37). Havia um questionamento da validade do testemunho ocular dos cronistas do século XVI. Segundo os autores setecentistas, a visão despreparada e ignorante dos primeiros europeus a terem contato com as Índias Ocidentais fazia com que sua percepção fosse considerada limitada, conduzindo conseqüentemente às recorrentes inverdades e exageros, segundo os autores do século XVIII, presentes nas crônicas. Novas formas de crítica ligadas à história erudita e posteriormente à história filosófica substituíram as tradicionais técnicas externas de julgamento do valor do documento – a avaliação da autoria da obra como sinalizador de sua confiabilidade – pela análise da coerência

¹ Embora tenham existido polêmicas acusações frente à verdade (ou a falta dela) de alguns dados presentes nestas obras e debates que incluíram os próprios cronistas, que muitas vezes atacavam uns aos outros, podemos afirmar que até o século XVIII não houve um questionamento do gênero enquanto portador de informações críveis ao estudioso dos assuntos americanos. Como pode ser percebido no trecho de de Pauw, não era uma crônica ou um relato específico que era considerado duvidoso, mas todas as obras que possuíam este formato.

interna dos relatos, colocando em questão a fiabilidade de muitos documentos. As inconsistências, as contradições, as asserções contrárias ao senso comum ou às leis da natureza e elementos maravilhosos que não condiziam com a lógica europeia daquele momento, imputavam inverossimilhança às crônicas, sendo estas descartadas como fonte de informações confiáveis sobre o continente. Os dados sobre o tamanho da população americana no momento da chegada dos europeus eram uma dessas incoerências apontadas por estes autores. Segundo eles, os números dados pelos cronistas quinhentistas divergiam explicitamente daquilo que os viajantes contemporâneos viam nas terras americanas – o reduzido número de indígenas – e, por isso, eram considerados pouco críveis (PAUW ,1776/ 1777: 346).

Simultaneamente e conectada a este processo estava a reabilitação de alguns tipos de fontes e o surgimento de outras formas de testemunho, como os escritos hieroglíficos de povos mesoamericanos, os vestígios arqueológicos, fósseis humanos e de animais e descobertas geológicas que permitiam a elaboração de uma nova concepção da história do Novo Mundo. Livres de considerações morais e estéticas estas fontes permitiriam ao estudioso uma reflexão filosófica sobre o passado e o presente daquela região. De Pauw, por exemplo, sustentava sua argumentação sobre os povos americanos a partir de uma interpretação pautada na história natural; a explicação para o desencadeamento histórico do continente estaria no dilúvio que teria encharcado tais terras e as condicionado a uma situação de degeneração natural (CAÑIZARES ESGUERRA, 2007: 89-90). O ilustrado prussiano não era exceção neste quadro. Outros letrados apoiados nas novas formas de evidência repudiaram as crônicas e outros documentos tradicionalmente usados para o estudo da história da América.

Assim, as crônicas, bem como as narrativas, as descrições, as informações e as opiniões presentes nelas foram encaradas com ceticismo, incluindo as representações elaboradas sobre o mundo natural. Contudo, permaneceram elas, juntamente com os relatos dos viajantes naturalistas ou ilustrados que percorreram o continente, sendo lidas e debatidas como principais pontes de diálogo com o Novo Mundo. Embora fossem atacadas dignas de pouca credibilidade, quando necessário eram utilizadas sem receio evidente. Uma nova camada de leitura se sobrepôs às crônicas, por meio da qual as apropriações específicas foram feitas. As crônicas, especialmente aquelas publicadas já no século XVI, não deixaram de serem lidas no século XVIII, para posteriormente

serem recuperadas como fontes nos oitocentos. Por meio delas, ainda foram tecidos diálogos sobre o continente americano. No entanto, as leituras elaboradas não se assemelhavam àquelas feitas originalmente pelos homens do início do período moderno, nem foram iguais às produzidas no século XIX.

Desenvolvendo ainda mais a argumentação de Cañizares Esguerra, a partir da leitura integral do verbete *Amérique* citado acima, podemos formular a hipótese de que, conectada a esta transformação que levava os autores a refutar a autoridade das crônicas sobre o Novo Mundo, estaria também a detração da natureza americana, que caracterizou a famosa polêmica, da qual de Pauw fez parte. Em outras palavras, embora fossem processos distintos que conduziam a argumentações específicas, e não necessariamente relacionadas, havia um vínculo não apenas temporal entre a polêmica do Novo Mundo e crítica à credibilidade dos escritos quinhentistas – subjacente estava um mesmo arcabouço epistemológico e discursivo que fundamentava esta postura.

Torna-se ainda mais claro este nexos, quando se observa que muitos autores que contestavam a validade das fontes escritas por espanhóis no século XVI eram também aqueles que acreditavam ser a América uma parte do globo degenerada e imatura, como o estudioso citado, Cornelius de Pauw. Essa confluência explica-se, devido ao fato de que a imagem de natureza representada em muitas crônicas do início do período moderno chocava-se com aquela que os estudiosos setecentistas retratavam em suas obras e teorias; a natureza exuberante e fecunda dos escritos de Oviedo não poderia ser a mesma que aquela inferior descrita por autores iluministas. Além disso, os critérios que legitimavam a autoridade de determinados relatos, assim como as formas textuais que os tornavam críveis aos leitores ocidentais alteraram-se. Se no século XVI era possível Anglería expressar sua admiração frente às maravilhas que eram noticiadas sobre as Índias Ocidentais, no século XVIII, os prodígios e o enaltecimento da natureza americana eram encarados como sinônimos de falsidade e sinais de que aquele relato estava fundado em inverdades ou invenções. Até mesmo os códigos textuais que tornavam as narrativas críveis já não eram semelhantes; se antes o maravilhoso fazia parte, sendo inclusive um elemento necessário para garantir a verossimilhança do escrito, séculos mais tarde ele deve ser expurgado para que alcance este objetivo.

A história natural do período fundamentou-se em bases menos simbólicas e antropocêntricas no modo de apreender os seres vivos e seu meio. Tendo a ordem como

a coluna que estruturava o entendimento da natureza (FOUCAULT, 2007: 175-190), formava-se conseqüentemente uma representação singular do mundo natural, bastante diversa da percepção vigente no século XVI e presente nas crônicas das primeiras décadas de contato do europeu com a América. Tornava-se, assim, inválida a imagem de natureza constituída por mais de dois séculos pelos escritos sobre o continente americano, afinal, frente às novas exigências, os amontoados de informações contidos neles eram encarados como descrições caóticas e com pouco espaço para a verdade científica. Outra representação substituía a natureza exuberante, excessiva e desordenada presente nas crônicas, permitindo inclusive a aparecimento de relatos que a detravam, uma vez uma nova imagem de paisagem ideal também era criada segundo os padrões da história natural do período.

O primado da ordem também retirava o valor das crônicas como fontes de informações não somente históricas, mas de conhecimento das demais áreas do saber. Longe de se organizarem de forma metódica, estas obras mesclavam narrativas e dados diversos, sem uma ligação extremamente evidente. Além disso, as inconsistências internas não as tornavam críveis, sendo rejeitadas por muitos dos intelectuais do século XVIII.

No entanto, não eram estes dois processos isolados ou localizados de forma paralela, reforçaram mutuamente tanto a formação de uma nova visão sobre a natureza americana quanto a falta de credibilidade das crônicas. A emergência de uma nova representação do mundo natural colocava em dúvida os relatos dos cronistas, uma vez que estes apresentavam uma imagem bastante distinta da fauna, da flora e da geografia do Novo Mundo. Ao mesmo tempo, ao questionarem a confiabilidade das crônicas quinhentistas, também reafirmavam que a representação da natureza contida nelas era inverossímil, sendo necessário um novo modo de percebê-la e retratá-la.

A *epistémê* do século XVIII não determinava apenas a questão da credibilidade das fontes ou a representação da natureza, permeava todas as esferas do saber ocidental. Contudo, se a *epistémê* determinava a fiabilidade dos documentos, dos relatos e das obras para construção do conhecimento, bem como a forma de apreensão e representação da natureza (global, mas para os objetivos deste trabalho especialmente americana), entre estes dois pontos também havia uma ligação, no qual a alteração de um deles representaria um impacto no outro pólo. Eram processos conectados e

concomitantes que não podem ser analisados separadamente. A alteração da *epistémê* no século XVII representou também uma mudança na sensibilidade frente às crônicas, processo que também significou uma alteração no modo de conceber a natureza americana. Por outro lado, os novos paradigmas para a história natural no final do século XVII permitiram a constituição de uma nova representação da natureza do Novo Mundo, diversa daquela existente até então. Esta nova forma de representar o mundo natural corroborou para uma avaliação negativa das crônicas sobre a América, pois estas não correspondiam mais aos critérios de verdade exigidos para se analisar a natureza.

Portanto, compreende-se que, para a transformação da representação da natureza e também da leitura das crônicas sobre o Novo Mundo, reabilitando-as, era necessária a alteração dos pressupostos que regiam a produção do conhecimento, ou seja, uma mudança na *epistémê*. Essa mudança ocorre de fato no século XIX, tendo os relatos de viajantes, particularmente de Alexander von Humboldt um marco importante. No entanto, essa análise ultrapassa os objetivos dessa apresentação².

Referências Bibliográficas

CAÑIZARES ESGUERRA, Jorge. *Cómo escribir la historia del Nuevo Mundo – Historiografías, epistemologías e identidades en el mundo Atlántico del siglo XVIII*. México: FCE, 2007.

CHACHAM, Vera. “O lugar da América na história: História Natural, estado de natureza, objeto de cobiça dos homens”. In: *Varia Historia* n. 30, julho de 2003.

CLÉMENT, Jean-Pierre. “La place de l’Amérique hispanique dans les écrits espagnols du XVIII^e siècle”. In: DEMELAS, Marie-Danielle [et. Al.] *Études sur l’impact culturel du Nouveau Monde*. Paris : Editions L’Harmattan, 1982.

DE PAUW, *Recherches philosophiques sur les Américains, ou Mémoires intéressants pour servir à l’Histoire de l’Espèce Humaine. Avec une Dissertation sur l’Amérique & les Américains*. Paris : G. J. Decker, 1768-1769. Disponível em : <http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k821053> , acessado em 10/08/2009.

² O último capítulo de minha dissertação de mestrado propõe a análise da obra de Humboldt de forma conectada às transformações epistemológicas do período. Nesse capítulo busco evidenciar como a reabilitação das crônicas por Humboldt está associada a imagem de natureza construída em suas obras.

_____. *Amérique*. In: ROBINET, Jean-Baptiste René (org.). *Supplément à l'Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. Amsterdam: M. M. Rey, 1776/1777.

DOMINGUES, Beatriz Helena. “O México na ‘Polêmica do Novo Mundo’: humanismo, catolicismo, história natural e ilustração”. In *Revista eletrônica da ANPHLAC*, Dossiê "Representações e imaginário político nas Américas", número 5, 2007, disponível em: www.anphlac.org. Acessado em 20/04/2008.

_____. *Tão Longe tão perto: a Ibero-América e a Europa Ilustrada*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2007.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: história de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GONZÁLEZ MONTERO DE ESPINOSA, Marisa. *La ilustración y el hombre americano*. Madrid: CSI, 1992.

MUÑOZ, Juan Bautista. *Historia del Nuevo Mundo*. Madrid: Viuda de Ibarra, 1793. Versão digitalizada da primeira edição disponível no endereço eletrônico: <http://www.archive.org/details/historiadelnuevo00mudnrich>. Acessado em 02/12/2008.

QUESADA, Carlos. “Sur la prétendue inferiorité intellectuelle du créole américain (le P. Feijóo et Cornelius de Pauw)”. In: BOUYER, Marc, FOIN, Charles et alli. *Études sur l'impact culturel du Nouveau Monde*. Paris : Editions L’Harmattan, 1981.

SAINT-LU, André. “La Dispute du Nouveau Monde au Guatemala”. In: BOUYER, Marc, FOIN, Charles et alli. *Études sur l'impact culturel du Nouveau Monde*. Paris : Editions L’Harmattan, 1981.